

“PORTUGAL EM ROMA,,

As relações que se estão estabelecendo entre Portugal e a Itália, cada vez mais estreitas e fecundas excedem tôdas as afirmações ocasionais ou retóricas, alargam com visível rapidez o círculo dos estudiosos das relações culturais entre os dois Países e aumentam, por natural consequência, o interesse do Público por tais estudos.

Fazer a história das relações de um País com a Itália quere dizer traçar, de determinada maneira, uma dupla história: a história das relações desse País com a nação italiana, e com o Papado; é sempre um duplo laço que interessa aos factos e às coisas pois que, se por um lado algumas vezes tornou difficil aos estrangeiros aproximar-se do passado de Itália, ao mesmo tempo contribuiu para lhes revelar a sua multiforme variedade.

Se isto vale para todos países, deve dizer-se em especial para os católicos, como é o caso de Portugal.

O Padre José de Castro, consultor eclesiástico da Legação Portuguesa junto da Santa Sé, autor de valiosas publicações acerca de alguns dos aspectos mais importantes da história religiosa da Itália («S. Francisco de Assis», «Terra de S. Francisco» e «Em Roma e na Terra Santa»), quis fazer a história das relações de Portugal com a Santa Sé, tornando fulcro do seu trabalho a história do Instituto de Santo António dos Portugueses em Roma. E fez uma ampla obra em que se contempla, nas suas grandes linhas e em abundantissimas particularidades, o curso de tôdas as relações entre os dois países, no espaço de muitos séculos. José de Castro teve a felicidade de poder trabalhar num

campo quasi inexplorado e servir-se de uma grande quantidade de documentos inéditos, principalmente dos do Arquivo Português na Santa Sé e, em menor número mas também notáveis, dos do Corpo Diplomático Português em Lisboa, dos do Epistolário do Código Laurenciano-Ashburniano em Florença, e de outros. Todo este material, fundido num livro em dois volumes «Portugal em Roma» de cerca de 950 páginas, revela um interessantíssimo mundo religioso, diplomático e histórico: manifestações várias dos mais diversos caracteres revelam-se ali completamente ou assumem uma nova e inesperada importância.

Revelam-se a essa luz oportuna as embaixadas portuguesas aos Papas com tudo o que a ocultava, com as causas, com as consequências, e, de todas as embaixadas, em especial a de D. Manuel a Leão X em 1514, da qual já mais de um escritor (e entre os primeiros Antonio Portugal de Faria na obra valiosa «Portugal e Itália», (1909) e T. Pellizzari, no seu livro «Portugal e Itália no século XVI», 1924, Nápoles) se tinha ocupado e a que foi dado o nome de «embaixada do elefante» pois foi oferecido ao Papa um elefante, facto esse que constituiu o número excepcional do grande programa de pompa e de solenidade.

São esclarecidos na justa proporção os influxos do pensamento e da arte italiana sobre os literatos e artistas portugueses vindos para a Itália no decorrer dos séculos.

Conhecem-se devidamente acontecimentos e nomes que, de importância capital na vida portuguesa, exerceram uma função notável, sob um ou outro aspecto, em certo momento e determinado ambiente, também na vida italiana. Dêstes devem assinalar-se em primeiro lugar, duas personalidades: Gomes da Silveira que se formou em Pádua e que chegou a ter, em meados de quatrocentos, uma autoridade indiscutível, não só religiosa como também política por ter assumido, a par dos cargos de Superior da Abadia Cassinense Fiorentina e Geral da Ordem dos Camaldolensi, o de consultor Teólogo da República no momento em que tal cargo signi-

ficava, praticamente, dispor do Governo do Estado; e Antonio Vieira cuja eloquência foi tão apreciada e anunciada, não menos em Roma do que no seu país, que inspirou a Clemente X a curiosa frase: «Muitas graças a Deus por fazer este homem católico, porque se o não fora daria muitos cuidados à Igreja».

O complexo e laborioso problema da supressão da Companhia de Jesus, com o auxílio do Marquês de Pombal e a condescendência do Papa Clemente XIV; a história das várias intervenções diplomáticas entre Portugal e Roma; a influência de tantos cardiais portugueses em acontecimentos de importância religiosa universal; as repercussões dos acontecimentos políticos portugueses nas suas relações externas, e tantos outros aspectos foram apresentados por José de Castro e amplamente documentados na história íntima dos portugueses: na sua obra vem iluminada a alma de um povo tradicionalmente zeloso da sua dignidade e independência, mas igualmente zeloso do seu bom nome católico, como, na verdade, é o povo português.

Este trabalho de José de Castro não deverá ser desconhecido pelos estudiosos que julguem, para conhecer a história de um país, dever orientar-se no campo da importância das relações desse país com a Santa Sé, e, querendo estudar a história cristã e europeia, pretendam ter um conhecimento da contribuição portuguesa nas suas relações com a Santa Sé.

Esta documentação representa a melhor propaganda para os ideais da civilização e de tradição, comuns aos dois países, tal como é a do testemunho directo dos documentos acumulados pela acção do tempo, e que se vão agora procurar e estudar num ritmo acelerado para mais estreitar os laços que tão fortemente unem os dois Países já desde um passado muito remoto.